



O dia em que me tornei...

# ATLETICANO

Fred Melo Paiva

ilustrações:  
Marcelo Pacheco



Copyright © 2008 Panda Books

Supervisão editorial **Marcelo Duarte**

Assistente editorial **Tatiana Fulas**

Projeto gráfico **Daniel Kondo**  
**Flavio Peralta**

Capa **Ana Miadaira**

Diagramação **Estúdio O.L.M.**

Colaboração **André Lacerda**  
**Emmerson Maurílio**  
**Rodolfo Rodrigues**

Fotos **Acervo Jornal Estado de Minas**

Preparação **Imidio de Pina Barros Jr.**

Revisão **Telma Baeza G. Dias**  
**Cristiane Goulart**

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

P166d

Paiva, Fred Melo

O dia em que me tornei atleticano / Fred Melo Paiva. - 1.ed.  
- São Paulo : Panda Books, 2008.

1. Clube Atlético Mineiro - História. 2. Futebol - Torcedores  
- Minas Gerais. I. Título.

08-0886

CDD: 796.334098151  
CDU: 796.334(815.1)

---

2008

Todos os direitos reservados à  
Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Lisboa, 502 – 05413-000 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3088-8444 – Fax: (11) 3063-4998

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br



Para o meu pai, David Paiva.  
Para Pedro e Francisco.

# Sumário

**O INÍCIO DO ATLÉTICO MINEIRO 25**

**OS TÍTULOS MUNDIAIS E NACIONAIS 33**

**OS 10 MAIS 43**

**A HISTÓRIA NOS CLÁSSICOS 67**

**OS MELHORES DE TODOS OS TEMPOS 79**

**CURIOSIDADES 98**







Quando eu era pequeno, meu pai não gostava de futebol. Ele gostava de política. Não queria saber de discutir classificação de campeonato, lances polêmicos, gols da rodada – mas se interessava muito em falar mal da ditadura militar que governava o Brasil. Ele não gostava do Reinaldo. Gostava do Geraldo Vandré, que tinha feito uma música contra a ditadura e, por

isso, era muito mais importante que o Reinaldo. Na verdade, meu pai considerava horrível que as pessoas pudessem ligar tanto para futebol enquanto coisas muito mais importantes estavam acontecendo. Ele tinha esse problema com o futebol e com o Roberto Carlos. Se você gostasse de um deles, meu pai poderia não gostar de você. Com o tempo, fui descobrindo que ele estava errado: não tem nada mais importante que o Galo.

Atleticano não gosta de futebol. Gosta de Atlético. Mas isso não era desculpa para o meu pai. Ele achava a torcida do Atlético a pior de todas, justamente por ela ser a melhor: a maior, a mais fanática, fiel e barulhenta. “A mais chata”, dizia. Isso lá era verdade: ser atleticano em Belo

Horizonte deixava as pessoas doidas. É assim até hoje, porque o Atlético é como a pátria dessas pessoas, de tão enraizado na história delas.

O time, centenário em 2008, é apenas 11 anos mais novo do que a cidade, construída em 1897. A torcida do Galo é resultado do encontro de milhares de mineiros que foram viver na nova capital, vindos de vá-



rios lugares do estado. Torcer para o Atlético era o jeito de as pessoas se sentirem unidas. Por isso, o atleticano não é apenas um torcedor de futebol. Ele é muito mais importante do que isso. Mas meu pai não queria saber dessa conversa.

O problema é que o meu pai deu um azar danado: minha mãe tinha 14 irmãos, 12 deles atleticanos. Todo atleticano é muito atleticano. A família da minha mãe era atleticana até não poder mais. Um primo meu era líder da maior torcida organizada daquela época. Meu tio “torto” era filho de um conselheiro do clube. As mulheres que não davam bola para futebol encontraram maridos atleticanos. Nos almoços de domingo, na casa da minha avó, o pessoal só falava de Atlético.